

Índios fazem novo ataque

Caiapós podem banir autores do massacre

Do correspondente em
BELÉM

A própria comunidade indígena caiapó deverá punir os guerreiros mais jovens que cometeram excessos durante o choque ocorrido na semana passada em uma fazenda no Sul do Pará, quando foram mortas 20 pessoas. O delegado regional da Funai em Belém, Paulo César da Silva Abreu, que regressou sábado da aldeia gorotire, disse que os participantes do massacre estavam proibidos de entrar em suas casas e podem vir a ser banidos do grupo. A maior parte dos gorotire, principalmente as mulheres e os homens mais velhos, teria condenado a ação dos guerreiros que mataram cinco crianças e três mulheres, duas das quais gestantes, na fazenda Espadilha. A Funai, por sua vez, poderá impor penalidades, como o desarmamento dos índios, segundo Paulo César.

Segundo o delegado da Funai, os atos de selvageria foram praticados pelos índios com idades entre 12 e 15 anos, que participaram pela primeira vez de uma expedição de reconhecimento. Os gorotire haviam decidido enviar 105 guerreiros, comandados pelos "capitães" Canhoco e Totol, para averiguarem uma denúncia que ouviram de dois fazendeiros da região — Chico Bigode e Zé Castro —, de que 1.800 homens seriam trazidos pelo proprietário da fazenda Espadilha, João Sena, para fazerem desmatamentos no interior da reserva Caiapó. Os índios já estavam irritados com os ocupantes dessas terras porque, alguns dias antes, tinham queimado sacos de farinha, alimentos e pertences que uma expedição indígena deixara em um dos "ranchos" caiapó ocupado pelos invasores da reserva.

A nova expedição deveria verificar se realmente tinham chegado os 1.800 homens para o desmatamento e expulsar de vez todos os invasores da reserva, que ocupa 2,7 milhões de hectares entre o Xingu e o Araguaia, no sul do Pará. Os "capitães" caiapós garantiram que não pretendiam ma-

tar os brancos, mas que isso ocorreu porque dois índios, inclusive o chefe do grupo, Uté, foram feridos, um deles a faca na altura dos rins e outro na cabeça, com um cabo de machado. Os demais entraram na casa da fazenda e iniciaram o massacre, matando todas as pessoas que encontraram.

Pelo que o delegado da Funai pôde apurar, os guerreiros mais jovens desobedeceram ao comando do "capitão", matando cinco crianças e três mulheres. "Quase todos os dias os jovens ouvem histórias dos feitos guerreiros dos caiapós e dos morticínios causados pelos brancos, contadas nas reuniões de fim de tarde pelos mais velhos. Eles ficaram extremamente excitados quando viram outros índios sendo feridos pelos brancos e perderam todo o controle", explicou Paulo César, que também atribui importância às notícias, ouvidas através de emissoras de rádios ou por relatos pessoais, sobre ataques de outros índios, como o dos txucarramãe, primos dos gorotire, que mataram onze peões no Mato Grosso.

No momento, uma equipe do Departamento Geral de Projetos Comunitários, tendo à frente o antropólogo Carlos Moreira Neto, está realizando um amplo inquérito sobre o acontecimento, para reconstituí-lo, verificar as causas do comportamento excepcionalmente violento dos índios e avaliar as responsabilidades nos atos praticados. Os técnicos da Funai já sabem que a invasão da reserva, cuja demarcação está no momento paralisada, provocou a reação dos índios. A própria demarcação os vem irritando porque exclui parte de um castanhal que ficou em poder dos brancos. Um antropólogo da Funai, Alceu Cotia, prometeu que o traçado da reserva seria alterado para incorporar a área do castanhal, promessa que a Funai não referendou. A sede da fazenda Espadilha, atacada pelos índios, estava fora da reserva, de acordo com a delimitação atual, mas poderia ser incluída no novo traçado. Foi por isso que o presidente da Funai condenou o sertanista.

Da sucursal de
BRASÍLIA

Outro subgrupo de índios Caiapó, os xicrin, que vivem numa região não muito distante da reserva de Gorotire, no Pará, onde ocorreu o massacre de vinte pessoas na semana passada, atacaram no último sábado a fazenda japonesa que estava invadindo os limites da área indígena. Os índios saquearam a sede da fazenda e prometeram partir para atos mais violentos, caso prossigam as invasões de suas terras pelas madeiras envolvidas na exploração do mogno.

O ataque já estava previsto desde o início da semana passada pelo delegado da Funai, em Belém, Paulo César Abreu, e pelo major Marco Antônio Luchini, do Conselho de Segurança Nacional, que temiam novas mortes. Os índios chegaram a aprisionar fazendeiros que desceram na área xicrin, os quais só foram liberados depois da intervenção da Funai. O massacre praticado pelos índios gorotire, na segunda-feira, acabou desviando as atenções sobre o caso xicrin, mas a fundação estava certa de que a qualquer momento aconteceria um ataque à fazenda japonesa.

Os xicrin são chefiados pelo cacique Bemodi, que há muito vinha fazendo ameaças às fazendas, transmitidas em diversos relatórios encaminhados à Funai pela antropóloga Lux Vidal, da USP. Ela denunciou ao órgão que nos últimos meses os fazendeiros passaram a fazer pousos ilegais na aldeia indígena, revelando inclusive que entre eles estava o advogado Juares Macedo, proprietário de vá-

rias glebas na área onde houve o massacre da semana passada.

Segundo a Funai, está atuando na região dos Xicrin um grupo de trabalho integrado por representantes do IBDF, do Instituto de Terras do Pará e do Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins — Getat. A missão do grupo, segundo a fundação, é alertar os madeireiros para que não invadam a área dos Xicrin, que se limita ao norte pelo rio Aquiri, a leste pelo rio Itacaiúnas e serra dos Carajás e a oeste pela serra Arqueada. Nessa reserva, distante cerca de 400 quilômetros da reserva dos Gorotire, vivem 182 índios.

O presidente da Fundação Nacional do Índio, coronel Nobre da Veiga, ao tomar conhecimento do novo ataque, atribuiu os últimos incidentes a pessoas "mal intencionadas que estão influenciando os índios negativamente". Na oportunidade, o coronel anunciou que a Funai deverá demarcar, até o final do ano, um total de 5.590.000 hectares de terras indígenas. Será dada prioridade às áreas onde ocorrem conflitos mais graves, incluindo as reservas dos índios caiapós, além de algumas localizadas no Pará, como é o caso dos xicrin e dos gorotire, e outras no Mato Grosso, como os txucarramãe do Parque Nacional do Xingu e do rio Jarins.

Os levantamentos feitos pelo órgão indicam, ainda, como áreas prioritárias para demarcação, todas as reservas xavantes. Os limites da reserva de Pimentel Barbosa, por exemplo, foram agora alterados por decreto presidencial; a área dos índios suruí, em Rondônia, e diversas áreas indígenas do Maranhão, onde vivem os guajajaras.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 41

Data: 09.09.80

Pg.: 41